

NARRATIVAS DE PROFESSORES SOBRE VALORIZAÇÃO E FORMAÇÃO

Jussara Morandini Strehl – UPF
Graciela Ormezzano – UPF

Eixo temático: Formação e valorização dos profissionais da educação

RESUMO

A problemática deste estudo centrou-se na saúde do professor, com o seguinte questionamento: Qual o significado de malestar docente e quais as possibilidades de prevenção na visão dos professores? Com base nessa questão, foram elaborados os seguintes objetivos: aprofundar os conhecimentos sobre o malestar docente; investigar o que significa malestar docente para o professor; observar quais as dificuldades que o professor encontra na escola e se ele consegue relacionar estas com a sua saúde; e, coletar sugestões de alternativas para prevenir o malestar docente. Assim, foi desenvolvida uma pesquisa de campo com oito educadores, de quatro escolas distintas da rede de ensino público estadual da cidade de Passo Fundo/RS, sendo necessário que os mesmos tivessem se afastado de suas atividades escolares por motivo de doença – com laudo médico –, mas que já tivessem retomado as suas funções. As indagações foram orientadas por entrevista aberta, cujo intuito foi favorecer a livre expressão dos entrevistados e estimular a abordagem da temática em estudo. A pesquisa se caracterizou por abordagem qualitativa de cunho fenomenológico. A organização e a compreensão das informações foram feitas através do método fenomenológico proposto por Giorgi (2009, 2010) e Comiotto (1992), na tentativa de descrever e perceber cada pessoa dentro de sua singularidade. Dos achados da investigação foi realizado um recorte onde se abordaram os seguintes aspectos: valorização profissional, formação inicial e continuada.

Palavras-chave: Processos educativos estéticos. Malestar docente. Valorização profissional. Formação inicial. Formação continuada.

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa realizada junto à Divisão de Qualificação e Reabilitação Profissional – DIREP/RS, sobre o número de laudos pedidos por professores, referentes à Licença para Tratamento de Saúde, não incluindo licenças gestantes e licenças para tratamento de saúde de familiares, entre os anos de 2006 a 2009, no Estado do Rio Grande do Sul (RS) e na cidade de Passo Fundo, no mesmo Estado. Através de contato telefônico junto à 7ª Coordenadoria Regional de Educação de Passo Fundo, recolheram-se informações para a realização da Tabela 1:

	2006	2007	2008	2009
Rio Grande do Sul	18.519	18.614	19.125	21. 516
Passo Fundo	366	414	375	490

Tabela 1

Fonte: Strehl (2010, p.9)

Observa-se que, tanto em nível estadual como municipal, há um aumento permanente e significativo de docentes que precisam se afastar de suas atividades profissionais, o que justificou esta investigação. Na tabela 2 se verifica o crescente número de laudos comparado com a significativa diminuição de docentes, no decorrer dos anos, em Passo Fundo, RS, segundo informações obtidas junto à 7ª Coordenadoria Regional de Educação de Passo Fundo e Departamento Médico e Estatística de Porto Alegre, em fevereiro de 2010.

PASSO FUNDO	2006	2007	2008	2009
Número de professores	1592	1522	1422	1316
Número de laudos	366	414	375	490
% de laudos	22,99%	27,20%	26,37%	37,23%

Tabela 2

Fonte: Strehl (2010, p.10)

Segundo reportagem do *Jornal O Nacional* do dia 26 de julho de 2010, desde o início do ano letivo, neste ano, a 7ª Coordenadoria de Educação de Passo Fundo já registrou 20 exonerações, 12 desistências de contrato e 230 laudos médicos (FÁVERO, 2010).

Este estudo teve como problemática: Qual o significado de malestar docente e quais as possibilidades de prevenção na visão dos professores? Então, objetivou investigar qual o significado de malestar docente, quais as possibilidades de prevenção – na visão dos professores –, além das formas de prevenção para melhorar a qualidade de vida do docente. O trabalho teve como enfoque o malestar do educador, pois a atividade docente propicia vivências que podem afetar a saúde física e mental e buscou subsídios para a prevenção deste malestar.

Com o intuito de atingir os objetivos propostos foi desenvolvida uma pesquisa de campo com oito educadores, de quatro escolas distintas da rede de ensino público estadual da cidade de Passo Fundo/RS, sendo necessário que os mesmos tivessem se afastado de suas atividades escolares por motivo de doença – com laudo médico –, mas que já tivessem retomado as suas funções.

As indagações foram orientadas por entrevista aberta, norteadas pelo diálogo entre o sujeito da pesquisa e as pesquisadoras, favorecendo a livre expressão dos entrevistados e

estimulando o desenvolvimento da temática em estudo. A pesquisa se caracterizou por ter uma abordagem qualitativa de cunho fenomenológico. A escolha desta modalidade deve-se ao fato das investigadoras não considerar previamente uma compreensão do fenômeno, mas, ir à busca da natureza deste fenômeno num processo interrogativo. A organização e a compreensão das informações foram feitas através do método fenomenológico proposto por Giorgi (2009, 2010) e Comiotto (1992), na tentativa de descrever e perceber cada pessoa dentro de sua singularidade. Assim, se desenvolveram cinco passos, até atingir as seguintes essências fenomenológicas e suas respectivas dimensões: 1) Problemas profissionais e sofrimento, composta das dimensões que enfocam valorização profissional, relação trabalho e vida pessoal, problemas de saúde e atitudes frente à doença; 2) Interação com a comunidade escolar, constituída das dimensões sobre realidade do aluno, relação com a família do aluno, papel do professor e relação com os colegas; 3) Sugestões de prevenção composta das dimensões sobre sistema de apoio, investimento na educação e formação inicial e continuada

Da investigação foi realizado um recorte para atender os temas do eixo selecionado, onde os sujeitos da pesquisa revelaram que o malestar docente está relacionado aos problemas de valorização profissional, assim como, a questões vinculadas com a formação inicial e continuada.

2. Valorização profissional

Através das falas dos entrevistados, foi possível perceber o sentimento de desvalorização e insatisfação que o professor vive. Entre as causas destes sentimentos, encontra-se o salário, a falta de reconhecimento de seus direitos e a valorização da sociedade no que se refere à profissão do docente; outro aspecto significativo foi à falta de identidade do professor com sua profissão. Estes são alguns fatores que despertam, no professor, insatisfação e desesperança.

No que se refere ao salário de professor, os entrevistados relatam que o profissional docente não ganha o suficiente para se manter, que está sempre na dependência financeira de outras pessoas. Como observa-se na seguinte fala: “[...] primeiro condições econômicas do professor. Professor de escola pública, principalmente do estado ganha mal, vai sempre depender de alguém para alguma coisa, da família do marido quem tem, alguma coisa vai [...]” (ENTREVISTADA 01).

Sobre essas questões de carreira, salariais e valorização do magistério, o *Jornal Correio do Povo* do dia 12 de julho de 2010 (DANNENBERG, 2010), traz uma reportagem

sobre os cursos de magistério, que cada vez tem menos procura pelos estudantes. A baixa valorização salarial e a falta de condições de trabalho têm afastado os jovens da profissão docente.

Sabe-se que um salário justo e um plano de carreira que valorize os esforços do professor seria o começo do reconhecimento profissional. Faz 30 anos que Mosquera (1978) vem afirmando que o salário baixo é um dos fatores que frustra o professor. Ele é muito mal remunerado, o que acontece em quase todos os países. Se comparar a hora/aula de um professor e o tempo que ele passa para preparar sua aula, não teríamos base para um ponto de partida para sua recompensa. Pois, “[...] no sentido econômico o professor almeja possuir uma renda que lhe faculte poder viver uma vida razoável [...]” (MOSQUERA, 1978, p.92).

Já, em outra entrevista, percebe-se que a baixa remuneração do professor também influencia na procura para o aperfeiçoamento, como exemplifica o relato: “[...] você pega uma professora com 47 anos, como eu canso de ver nos municípios que eu vou, que tem três filhos, que tem casa, que tem marido, que tem 40 horas, que ganha mil reais... Ela vai fazer mestrado como? Ela vai fazer uma especialização como? Em que horário?” (ENTREVISTADO 05).

Em relação à valorização da carreira do professor, Soratto e Oliver-Heckler (2002) fazem vários questionamentos. Dentre eles, destacam-se os seguintes: Quais as possibilidades de progressão na carreira do magistério? Para onde ele pode crescer dentro da instituição por sua experiência no exercício de sua profissão, pelo bom trabalho que desempenha, por sua competência, pela busca de aprimoramento? Uma vez que, o profissional que ingressa no magistério público não tem muitos degraus ou reconhecimento dentro da instituição, e a rede estadual não oferece condições desejáveis e compensadoras para o trabalhador em educação.

O professor não está se referindo somente com relação ao salário, ele manifesta sua insatisfação com várias outras formas da desvalorização de sua profissão de educador, como a falta de reconhecimento da sociedade e a cobrança que a mesma faz, o respeito ao seu trabalho. Sobre este aspecto, uma participante da pesquisa relata:

[...] a gente não quer ficar ganhando prêmios, não é nesse sentido, mas é ser valorizada, que a educação dá resultados e dá, pena que as pessoas não saibam como valorizar isso, bons exemplos a gente tem, mas são poucos, poderiam ser muito mais e a gente vê as pesquisas de índices que a educação está mal, que baixou de nível, que baixou a qualidade e aí sempre repercute no professor, que não quer fazer o trabalho direito, que não quer mais nada com nada, eu não gosto de ouvir isso, e acho que é muito chato de ouvir ninguém quer mais nada com nada, é difícil (ENTREVISTADA 08).

Para Marchesi (2008), entre os fatores dinamizadores da atividade docente que favorece o bem-estar, vários deles não dependem do professor, como a valorização, o apoio social, os recursos disponíveis, o contexto sociocultural e a colaboração dos pais dos alunos.

Outro aspecto levantado pelos educadores, que se sentem desrespeitados, faz referência à falta de reconhecimento dos direitos, como expressa a Entrevistada 03: “[...] a falta dos nossos direitos reconhecidos, que isso pra mim no ano passado foi uma coisa que me deixou bastante chateada [...]”.

Para Marchesi (2008), a instituição de uma carreira profissional deixa mais forte a identidade dos seus componentes, amplia as perspectivas, incentiva o esforço e favorece a valorização pessoal e o incremento da valorização social.

O plano de carreira é um instrumento que demonstra a valorização e o reconhecimento do docente, pois nele estarão expressas, dentre outras, as regras para progressão dentro da carreira e os critérios objetivos que serão utilizados para a progressão. Com isso, o professor tem perspectivas concretas e objetivas de crescimento, além de um incentivo para sua constante atualização. Assim,

O professor também se sente cobrado no resultado de seu trabalho, e muitas vezes não tem os recursos mínimos para o bom andamento do mesmo, colocando em dúvida a sua competência. Como consta nas seguintes palavras:

É a cobrança, além do mais o professor assim, tem épocas do ano que ele tá, vamos fazer a provinha Brasil, vamos fazer a provinha isso, vamos fazer a provinha aquilo, o que é isso, na verdade também é um sistema de avaliação, uma avaliação externa, eu digo assim, é importante, claro que é importante até para um parâmetro do nosso trabalho, até para a gente ver, eu acho muito importante, mas é muita cobrança em cima dos professores, e às vezes o professor se depara com o giz e o quadro negro para trabalhar, fica ruim de você trabalhar, é difícil [...] (ENTREVISTADA 02).

Batista e Codo (2002) sustentam que, de acordo com as regras impostas pelo sistema de avaliação educacional, o bom professor faz com que seus alunos obtenham alto rendimento nas provas do Ministério da Educação, além da elevada frequência às suas aulas. No entanto, ele não é um bom professor se não conseguir um rendimento favorável na avaliação de seus alunos; isso é artifício enganador, gerado pela definição social do que é um bom professor. Não existem parâmetros, nem quem defina o significado de ser um bom professor, pois não são os educadores que indicam o verdadeiro sentido da expressão, uma vez que as balizas do

que seja sua competência profissional lhe são subtraídas e, por isso, a definição lhe é imposta. O professor, normalmente, possui consciência disso, mas não pode mudar as regras do jogo social. Assim, muitas vezes são vistos como incompetentes, diante da sociedade, não sendo levadas em consideração as dificuldades para realizar o seu trabalho e todo o seu esforço. A Entrevistada 4 comenta sobre este assunto: “[...] o que mais afeta a saúde do professor é a cobrança, a cobrança dos pais, a cobrança da diretora, a cobrança da escola em si, é toda uma estrutura de cobranças que vem de todos os lados... A cobrança dos próprios filhos, ‘mãe porque tu trabalha tanto e não tens tempo pra mim?’ ”

Nesse sentido, Tardif e Lessard (2008) lembram que ao longo da jornada de trabalho do professor, do mesmo são cobradas diversas tarefas, além do tempo dedicado a sala de aula, como: encontro com os pais, reuniões pedagógicas, preparação de aulas, correção de provas, entre outras atividades, discutidas a seguir, que acabam influenciando na vida do professor.

Não se pode negar que a sobrecarga de trabalho a qual o docente está submetido em suas tarefas diárias na escola, além do trabalho extra que leva para casa, como corrigir provas, elaborar exercícios, preparar aulas, leituras, acaba por afetar o docente em sua vida pessoal e profissional, pois há pouco tempo para atualizar-se através de uma formação que lhe traga satisfações pessoais e novas perspectivas intelectuais.

3. Formação inicial e continuada

Percebe-se nas falas dos professores, que diante das frequentes mudanças no contexto escolar se faz necessária uma formação inicial voltada para a realidade existente nas escolas, uma formação continuada e um espaço para a troca de experiências.

Conforme Esteve (1999), uma das estratégias para evitar o malestar docente é diminuir as deficiências da formação inicial do docente; como houve uma mudança no papel do professor e no contexto em que ele vai atuar, necessita-se rever a formação inicial. Isso é possível através da busca por uma maior adequação as novas exigências e dificuldades apresentadas no processo de ensino.

Nas falas dos entrevistados percebeu-se como foi a sua preparação na formação inicial, para enfrentar a realidade da sala de aula e as suas experiências como professores: “[...] a gente faz a faculdade, na faculdade tudo é lindo, é tudo tranquilo, não vai ter problema nenhum [...] tudo dá certo, no livro a teoria é uma beleza [...] E na prática é totalmente diferente, então o despreparo do professor em relação à prática está na vida como ela é” (ENTREVISTADA 04).

Nas entrevistas fica evidenciado que a formação inicial necessita ser a mais próxima possível da realidade que o professor vai enfrentar. Como não é possível prever, durante a sua formação, o perfil da clientela que o professor irá atender, faz-se necessário prepará-lo para todas as possibilidades que poderá encontrar.

Esteve (1999) afirma que ao chegar às escolas o professor iniciante vai se deparar com uma realidade, que muitas vezes não corresponde com as ideias elaboradas em sua formação. Por isso, a formação inicial poderia oferecer maior atenção à prática e não se ater somente a teoria, abordando a organização do trabalho, a interação na sala de aula, a articulação e a manutenção das regras; prevenindo, assim, situações desconfortáveis para os futuros educadores.

A respeito do que pensam os professores entrevistados sobre a formação inicial e a necessidade de contato com a realidade existente nas escolas, as fala a seguir é muito elucidativa:

[...] Eu acho assim que durante essa formação a gente teria que ter um contato mais presente com a realidade. Então, na minha época quando eu terminei a minha faculdade não se falava em deficiência, nem se falava em inclusão, nem se sabia o que era isso, acho que ficava alguma coisa lá para a psicologia, o que era, conceitos [...] Nesse sentido a gente está indo buscar [...] É aquela coisa, é uma teoria, mas quando você chega numa sala de aula e se depara com isso é totalmente diferente (ENTREVISTADA 02).

No entendimento de Jesus (2007), o grau de malestar docente está atrelado ao modo como o professor lida com as fontes que desencadeiam este malestar. Para o autor, a formação educacional pode ajudar o professor a desenvolver competências e estratégias para lidar com as dificuldades encontradas. A formação do professor necessita ser mais do que a formação específica em termos de aprendizagem dos conteúdos que o professor desenvolve com seus alunos; necessita evidenciar estratégias que permitam ao professor conduzir de maneira mais eficaz o processo de ensino.

Kuenzer (1999) afirma que não existe um modelo de formação para educadores. O professor necessita estar capacitado para trabalhar com a diversidade que irá encontrar para, dentro desta realidade, fazer a seleção de conteúdos, escolher caminhos metodológicos e a forma de avaliação, para intervir na realidade do aluno, possibilitando novos conhecimentos. Não basta só ao professor ser competente para expor seu conteúdo e cativar a atenção do aluno; exige-se que ele seja competente para realizar a leitura da realidade do aluno e

organizar situações de aprendizagem.

O professor tem que estar preparado para acompanhar as mudanças que acontecem na escola, sendo necessária a constante atualização. Nesta perspectiva, o professor também é um eterno aprendiz, pois, a cada situação encontrada lhe é exigida uma nova forma de agir.

Em sua essência, ser professor hoje, não é mais difícil nem mais fácil do que era há algumas décadas atrás. É diferente. Diante da velocidade com que a informação se desloca, envelhece e morre, diante de um mundo em constante mudança, seu papel vem mudando, senão na essencial tarefa de educar, pelo menos na tarefa de ensinar, de conduzir a aprendizagem e na sua própria formação que se tornou permanentemente necessária (GADOTTI, 2003, p.15).

Os professores entrevistados abordam a importância de continuar estudando, da atualização contínua e, também, a reflexão sobre suas práticas em sala de aula. Nota-se, também, nos relatos dos entrevistados, a necessidade da troca de experiências entre os seus pares, e o quanto esta ação pode ser enriquecedora para a inovação prática em sala de aula.

As propostas de formação necessitam ser diferenciadas. Ir além de oferecer cursos, seminários, palestras, aulas de atualização; elas podem desenvolver atividades de troca, que favoreçam a auto-formação partilhada, através da organização dos próprios professores, possibilitando reflexões sobre a prática em sala de aula e o aprofundamento das questões pertinentes ao desenvolvimento de suas atividades.

A importância de um espaço para os educadores estudarem e discutirem sobre a realidade que estão atuando, trocar ideias e experiências, conhecer novas possibilidades de ensino, avaliar seu trabalho e também se conhecer, é expressa na fala a seguir.

Teríamos que ter mais reuniões, mais encontros e formação. Nessas reuniões e nesses encontros teriam que ter formação, sabe. Nós teríamos que ter mais conhecimentos sobre essas deficiências e daí mais trocas, aqueles bem pedagógicos, como trabalhar, o que fazer, como avaliar, como planejar uma aula. Nós temos que mudar toda a estrutura pedagógica, para trabalhar com esse aluno dentro da sala de aula, tudo tem que mudar [...] (ENTREVISTADA 02).

Nesse sentido, Jesus (2007) considera que a formação continuada é imprescindível para o desenvolvimento e a realização do professor como profissional. Ela favorece o trabalho em equipe e tem como origem a realidade do professor, sendo norteadada pelos problemas concretos do dia a dia da escola. Desse modo, pode colaborar na solução dos possíveis problemas encontrados na ambiente escolar. A formação continuada do professor precisa

incluir mais do que a transmissão de conhecimentos. Ela necessita favorecer a troca de experiências entre profissionais e ser um meio de tomada de consciência da nova prática; além de reduzir o isolamento e propiciar a criação de estratégias para a solução de problemas. Neste sentido, a cooperação entre professores é um caminho para o bem-estar e a inovação docente.

Na opinião dos entrevistados, é muito importante que a escola favoreça um espaço para que eles sejam ouvidos, troquem experiências e dividam suas angústias e seus problemas. Esse momento necessitaria ser frequente; desta forma, os docentes se sentiriam mais fortalecidos para desempenhar suas atividades. “[...] Curso de formação; um momento de encontro de professores. Um momento, assim, de apoio, de discussão, de dinâmica, de descontração que você fortaleça, forme, informe” (ENTREVISTADA 08).

As falas evidenciam a necessidade de a escola disponibilizar um horário para a formação continuada dos educadores. Para que essa formação atinja os seus objetivos, além do tempo disponibilizado pela escola, ela deverá disponibilizar um material adequado para o aperfeiçoamento dos docentes, novas técnicas e profissionais das mais diversas áreas para intermediar as experiências dos professores e criar estratégias para minimizar as dificuldades encontradas; com isso, melhorando a qualidade do ensino.

Para Gadotti (2003), muito da dor, muito do sofrimento dos docentes poderia ser prevenido se a formação inicial e continuada fosse centrada mais em hábitos, atitudes e valores, e menos em técnica. O professor precisa se perguntar por que ensinar e como deve ensinar antes de se questionar o quê deve ensinar; necessita aprender a se organizar no seu trabalho, sistematizar, avaliar dialogicamente, aprender a ser mais cooperativo, pois o individualismo de sua profissão desencadeia angústia e ansiedade.

Ser professor é um desafio constante, e seu trabalho depende de diversos aliados para poder acontecer. Se o professor não estiver preparado e não tiver o suporte necessário para manejar as situações que encontrará em seu cotidiano, possivelmente essas dificuldades lhe desencadearão o malestar. Muitos dos fatores que afetam a qualidade de seu trabalho e o seu bem-estar, não dependem exclusivamente do professor. É um conjunto de fatores que dependem de ações governamentais, dos gestores, dos funcionários das escolas, dos pais e da sociedade como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos dos entrevistados foram ricos em informação, sendo que eles narraram as suas vivências como docentes, explicitando o que significava malestar de acordo com o seu entendimento. Pondera-se que o objetivo proposto na pesquisa foi atingindo, pois, as entrevistas, a compreensão das vivências de cada participante e as referências de literatura pesquisadas, proporcionaram descobertas sobre o significado de malestar docente e, também, a elaboração de apontamentos para possíveis fatores que podem melhorar a qualidade de vida dos professores, levando, conseqüentemente, à prevenção.

O significado do malestar docente é muito singular e complexo. Uma vez que cada ser humano tem uma maneira diferente de sentir, dependendo de como vivencia as experiências da sua docência. No entanto, percebeu-se, nos relatos, que os fatores mais significativos estão relacionados à profissão e como eles se sentem valorizados como profissionais. Essa desvalorização vivenciada pelo professor, passa pela melhoria do salário que recebe, pelo reconhecimento da sociedade, pelo reconhecimento de seus direitos, pela carga de trabalho e pelas condições adequadas de trabalho. Os docentes queixam-se que, cada vez mais, esses aspectos não estão sendo levados em consideração para a qualidade de ensino e para a sua qualidade de vida.

Também que, a formação inicial e continuada necessita levar em consideração as diversidades encontradas na escola. A profissão de professor requer atualização permanente, é um eterno aprender. Tendo em vista que a sociedade está em constante mudança, o professor necessita acompanhar essas mudanças para compreender a realidade do seu aluno. Desta forma, o professor precisa estar sempre em formação e refletindo sobre sua prática.

A formação continuada necessitaria partir da realidade do professor, lhe oferecendo subsídios para entender o aluno, dar espaço para os professores partilharem suas experiências e refletir a respeito de suas ações em sala de aula e, desta forma, estar sempre se atualizando.

Fica evidenciado, nas falas dos professores, que o dia a dia esta cada vez mais atarefado e, muitas vezes, no meio de todas as suas atribuições, acaba esquecendo os aspectos relacionados à sua qualidade de vida. Nesse ponto, a formação inicial e continuada poderia favorecer momentos de autoconhecimento para o professor, para que ele seja capaz de cuidar-se e olhar-se com mais cuidado, tanto para sua saúde física como mental.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Analía Soria; CODO, Wanderley. Crise de identidade e sofrimento. In: CODO, Wanderley (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis, Vozes, 2002. p. 60-84.

COMIOTTO, Mirian Sirley. **Adultos médios: sentimentos e trajetória de vida: estudo fenomenológico e proposta de auto-educação**. Porto Alegre: UFRGS, 1992. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1992.

DANNENBERG, Ronam. Carreira do magistério não atrai estudantes gaúchos. **Jornal Correio do Povo**, Porto Alegre, p. 8, 12 jul. 2010.

ESTEVE, José Manuel. **O malestar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido**. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

GIORGI, Amedeo. **Phenomenology and psychological research**. Pittsburgh, Pennsylvania: Duquesne University Press, 2009.

_____. **The descriptive phenomenological method in psychology: a modified Husserlian approach**. Pittsburgh, Pennsylvania: Duquesne University Press, 2010.

JESUS, Saul Neves. **Professor sem stress: realizações e bem-estar docente**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

KUENZER, Acácia Zeneida. As políticas de formação: a constituição da identidade do professor sobrando. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 20, n. 68, p. 163-85, dez. 1999.

MARCHESI, Álvaro. **O bem-estar dos professores: competências, emoções e valores**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MOSQUERA, Juan José Mouriño. **O professor como pessoa**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1978.

SORATTO, Lúcia; OLIVIER-HECKLER, Cristiane. Escola: uma organização multiprofissional. In: CODO, Wanderley (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis, Vozes, 2002. p. 122-36.

STREHL, Jussara Morandini. **Narrativas de professores sobre o mal-estar docente** Passo Fundo: UPF, 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade de Passo Fundo, 2010.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.